

A EDUCAÇÃO CONTINUADA COMO COMMODITY

Porto Alegre/RS Maio/2016

Daiana Garibaldi da Rocha - ULBRA - daiana1502@terra.com.br

Tipo: INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA (IC)

Natureza: RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA

Categoria: ESTRATÉGIAS E POLÍTICAS

Sector Educacional: EDUCAÇÃO CONTINUADA EM GERAL

RESUMO

Nos dias de hoje, há uma entonação mais constante que evoca a atualização como tábua salvadora no mercado competitivo; continuar estudando tornou-se requisito básico para manter-se vivo no mercado de trabalho. Inscrito no campo teórico dos Estudos Culturais, este artigo apresenta um recorte de dissertação de mestrado que investiga a comodificação da Educação Continuada com o objetivo de mostrar e problematizar como sites institucionais produzem a Educação Continuada como uma commodity. As ferramentas teóricas são fornecidas por vários autores, sendo central Zygmunt Bauman, especialmente os conceitos de sociedade de consumidores, consumo e comodificação. O objeto de análise são sites que oferecem Educação Continuada. Neles procuro identificar quais são e como operam as estratégias discursivas que indicam a comodificação da Educação Continuada. As análises apontaram para quatro eixos preferenciais. Eles evidenciam a Educação Continuada como um imperativo contemporâneo, justificado pelo aceleração do tempo em diferentes espaços, educacionais ou não, em uma sociedade que requer cada vez mais profissionais especialistas e flexíveis, capazes de se atualizar constante e rapidamente.

Palavras-chave: Educação continuada. Comodificação da educação. Co

Introdução

Os sujeitos contemporâneos, cada vez mais não se têm por satisfeitos apenas com o término do ensino superior, a impressão é que a busca por aperfeiçoamento, antes opcional, parece estar se tornando algo imprescindível. Parece que não há como escapar das celebrações discursivas acerca do imperativo de atualização constante.

O objetivo aqui é mostrar e problematizar como sites institucionais produzem a Educação Continuada como uma *commodity*. Todavia, acredito que este artigo possa mobilizar outras reflexões, outras formas de pensar o educar-se continuamente, que no viés do consumo, parece ser muito sutil.

Para desenvolver este estudo que problematiza a *educação continuada*, optei por uma pesquisa metodológica qualitativa e escolhi como objeto de análise sites de instituições que ofertam tal modalidade, dentro destes objetos elegi os títulos e as chamadas das páginas, os textos que conceituam a Educação Continuada e as imagens que acompanham estas escritas. Esta opção deve-se a sua composição discursiva e criativa de aproximar educação, atualização constante e consumo. Através da observação dos dados busquei quais características, neste contexto da Educação Continuada, estão levando-a a se transformar em *commodity*, ou seja, quais são os indícios que surgem nos sites da transformação da Educação Continuada em mercadoria. Como indícios, considere algumas palavras-chave que aparecem com frequência nos sites, tais como: competição, mercado, economia, concorrência, flexibilidade, entre outras, pertencentes ao repertório discursivo da economia de mercado contemporâneo que sugerem como o sujeito deve se modelar e adaptar às exigências do mercado contemporâneo e, para isso, atualizar-se constantemente.

Penso que compreender como a *educação continuada* está se mercantilizando pode nos fazer vislumbrar o próprio processo educacional com outros olhares, talvez mais contemporâneos, quem sabe ainda em transformação. Apresento a seguir os quatro eixos que foram identificados ao longo da pesquisa e que mostram a produtividade da Educação Continuada no mercado de consumo, saliento que as evidências são numerosas, mas para este artigo, reduzirei a exposição.

Preparar-se para uma sociedade concorrencial

Quais as características de uma sociedade concorrencial? Por que viver e se preparar para esta sociedade se torna importante? O que a Educação Continuada faz neste contexto?

A sociedade concorrencial é aquela tomada por sujeitos em busca de oportunidades. Como nos diz Baudrillard (1991), “o modelo veicular da única grande e verdadeira ideia-força desta sociedade concorrencial é a mercadoria e a marca” (p. 114). As oportunidades existem e os sujeitos precisam estar constantemente preparados para fazerem suas escolhas e estarem aptos para contemplar as exigências do mercado de trabalho. Na sociedade concorrencial a Educação Continuada torna-se uma mercadoria de marca forte, não só para os sujeitos que buscam capacitação, mas também para as empresas que precisam oferecê-la aos seus colaboradores.

Estar apto hoje, segundo Bauman (2001), significa “ter um corpo flexível, absorvente e ajustável, pronto para viver sensações ainda não testadas e impossíveis de descrever de antemão” (p. 91). Ser e estar apto em uma sociedade concorrencial é atender a toda e qualquer oportunidade que surgir de maneira maleável, desvinculando-se de qualquer rotina, flexibilizando-se.

Segundo S. Costa (2009), o que está em jogo “é a pretensão de transmutar os indivíduos em sujeitos-microempresas e de comercializar todas as relações humanas, a qualquer hora e em

qualquer lugar, mediante sua inscrição em relações do tipo *concorrencial*” (p. 179). Para o autor, o investimento é valorizado, e a dinâmica concorrencial é a força que move o novo capitalismo. Em sua análise, aquilo que os indivíduos tomavam antes como despesas, como custos, agora se converte em investimento.

O site de um espaço educativo emergente (fig. 1) apresenta um curso voltado a uma série de temas e atributos desejáveis ligados a uma sociedade concorrencial.



Figura 1 – Página de abertura do curso *Refresh*

Fonte: <http://www.perestroika.com.br/refresh/>

Em uma época em que o conhecimento tem alto valor no mercado, não posso deixar de chamar a atenção para a imagem da cabeça e do olho do sujeito que centraliza o cérebro pensante que deve se preparar para atender às exigências da sociedade atual. Para Robertson (2003) “Em vez de uma mudança para além do capitalismo, talvez nos seja legítimo dizer que a bala de prata da sociedade do conhecimento visa colonizar e explorar uma última fronteira: o nosso cérebro” (p. 7). É o conhecimento sendo inserido como *commodity* no mercado de compra e venda, uma vez que se tornou um dos bens mais desejados pelos sujeitos para destaque e autopromoção no mercado de trabalho.

A comodificação da Educação Continuada está dentro deste jogo de investimentos. Utilizar as características da sociedade atual para impulsionar os sujeitos ao consumo, alertando-os de que sem capacitação não chegarão aonde desejam, ou melhor, ao que devem desejar, são estratégias discursivas interessantes e que acabam produzindo sentido na vida dos sujeitos.

Segundo o curso, atualizar os métodos e aproximar a inspiração da vida real também são fundamentais para garantir a aplicabilidade dos conteúdos. A aplicabilidade na sociedade concorrencial é essencial para o destaque, pois muito mais que ter conhecimento, você precisa ter competências e habilidades para aplicar os conhecimentos necessários e apresentar resultados de qualidade que obviamente gerem resultados financeiros efetivos.

Na sociedade concorrencial, o desejo por competição e destaque profissional não tem limites; trabalho e carreira dentro desta lógica concorrencial estão associados com o desejo. Para Bauman (2001), “Os consumidores guiados pelo desejo devem ser ‘produzidos’, sempre novos e a alto custo” (p. 88). Os sujeitos produzidos na lógica da sociedade concorrencial passam a viver e a se preparar constantemente para a competição.

A seguir, exploro um site de instituição de ensino reconhecida. Para ter acesso a ele é necessário entrar no site da instituição e após clicar no link pós-graduação. Com este clique você tem acesso à página da Educação Continuada da instituição. A aba de apresentação do site divulga o *slogan* Aprender Sempre (fig. 2), e através de depoimentos de ex-alunos do programa de Educação Continuada é explicado porque é tão importante preparar-se para a atual sociedade cujo mercado de trabalho é exigente e competitivo.



Figura 2 – Página inicial do site de Educação Continuada da instituição de ensino reconhecida

Fonte: <http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/educon/index>

Chamo a atenção para outra convocação da página deste site: Aproveite o período de férias para enriquecer seu currículo. Começarei com a palavra aproveite. Bastante sugestiva, ela posiciona o sujeito como aquele que deve decidir e escolher. Uma vez que a oferta está lançada, é preciso aproveitar a oportunidade oferecida. A questão de estudar inclusive nas férias, reforça o imperativo de que a atualização constante não pode parar. E por último, saliento a expressão enriquecer seu currículo, que enaltece a ideia de que o tempo certo é agora e enriquecer o currículo é indispensável para o enriquecimento pessoal a qualquer momento.

O mundo se torna, nesta perspectiva, segundo Bauman (2001), “uma coleção infinita de possibilidades: um contêiner cheio até a boca com uma quantidade incontável de oportunidades a serem exploradas ou já perdidas” (p. 73). Preparar-se através da Educação Continuada para corresponder aos apelos e chances oferecidas pela sociedade concorrencial é uma das estratégias discursivas mais celebradas e fortes da atualidade.

A sociedade concorrencial, neste contexto, acaba gerando desigualdades e muitos sujeitos acabam por se tornar o que Bauman (2005a) chama de ‘refugo humano’, sujeitos que não conseguem corresponder aos imperativos desta sociedade e, principalmente, da globalização e acabam por ser excluídos, esquecidos, classificados como lixo.

Ser empregável, inovador e flexível

De uma sociedade onde o trabalho era focado na produção sem muitas exigências de formação, passamos para outra onde o trabalho é focado nas competências dos sujeitos que devem destacar a flexibilidade, a realização de múltiplas tarefas, a inovação constante. Ser empregável, interessante, atraente passou a ser critério importante para aqueles que cuidam de sua empregabilidade. Pilger (2012) diz que, “para a empregabilidade, o aprendizado tem como objetivo manter o trabalhador atualizado frente às exigências do mercado” (p. 45). A mesma autora evidencia ainda que os sujeitos acreditam que a Educação Continuada é uma maneira de sustentar a empregabilidade que, hoje, tornou-se uma palavra de ordem, um conceito, uma noção que nos captura.

Uma das válvulas de escape dos sujeitos para acompanhar todas as mudanças do mercado de trabalho, muito bem mencionadas por Pilger (2012), tem sido a Educação Continuada. O aperfeiçoamento constante é um dos meios pelos quais os sujeitos estão sendo induzidos a consumir em prol de promessas de manter-se competindo no mercado, inovando e se destacando.

Observa-se que a Educação Continuada se torna para as instituições de ensino reconhecidas (universidades, faculdades, institutos), uma nova frente econômica de investimento, tendo em vista o momento contemporâneo em que o diploma do curso superior passa a ser apenas mais um dos certificados nos currículos dos sujeitos, que precisa ser constantemente acrescido de outros.

Observando a (fig. 3) de um espaço educativo emergente, pode-se entender que este procura

ensinar e convencer os sujeitos da importância de ser empregável, inovador e flexível.



Figura 3 – Empreendedorismo criativo

Fonte: <http://www.perestroika.com.br/ec/>

Em outra aba do site, onde o programa do curso é apresentado, os módulos dividem-se da seguinte maneira: Módulo 1 Conceitos (desenvolve os conceitos de fluidez, causabilidade, multidisciplinaridade, inovação); Módulo 2 Felicidade (trabalha a felicidade aplicada ao trabalho e à vida); Módulo 3 *Kickstrat* (apresenta modelos de negócios); Módulo 4 Criatividade (trabalha questões que envolvem paixão e coragem, quebrando a *matrix*, processo criativo e vai lá e faz); Módulo 5 Banca (apresentação da criação de um negócio para investidores).

Harvey (2012) nos alerta dizendo “Parece que a flexibilidade pós-moderna apenas reverte a ordem dominante existente na modernidade fordista” (p. 305). A flexibilidade pós-moderna parece prescindir do compromisso dos sujeitos com o trabalho, porém as características da sociedade de consumo tornam esta flexibilidade algo atrativo para uma maior produção dos sujeitos que passam a estender o trabalho para todas as instâncias da vida.

Segundo Bauman (2009), “para a maioria dos estudantes, a educação é acima de tudo uma porta de entrada para o emprego. Quanto mais ampla a passagem e melhores as recompensas do árduo trabalho, melhor” (p. 41). A Educação Continuada, na contemporaneidade, passa a ser a expansão dessa oportunidade de entrar, permanecer ou se destacar no mercado de trabalho. Assim, cursos como os apresentados, com propostas que colocam o futuro em discussão e instigam os sujeitos a consumirem e concorrerem, inclusive na etapa de inscrição tornam-se não só objetos de desejo como também *commodities* valiosas na sociedade contemporânea.

Invisto em mim, logo existo

“Penso, logo existo”, conhecida enunciação do filósofo René Descartes que, ousadamente para seu tempo, ao duvidar da existência de tudo, localizou no eu pensante o ponto de partida para todo o conhecimento, serve de mote para este eixo de análise. Atrevo-me a parafrasear Descartes, para ressaltar o quanto investir em si mesmo passa a ser uma condição de existência como era o cogito pensante do sujeito cartesiano.

Invisto em mim, logo existo, foi o título mais interessante que encontrei para mostrar a intensidade com que as estratégias discursivas encontradas no *corpus* de análise recorrem ao investimento em si mesmo em prol do destaque pessoal e profissional. Quem não investe em si mesmo não existe, é invisível para o mundo.

No neoliberalismo, o capitalismo é cognitivo e a característica principal que distingue as sociedades contemporâneas é a competitividade. Segundo Sibilia (2012), com a emergência do neoliberalismo, “novas racionalidades e práticas se desenvolveram em função de tais mudanças, reivindicando valores como autonomia, a flexibilização, a iniciativa e a motivação, a superação e a responsabilidade individuais; em síntese, certa ‘ética empreendedora’” (p. 126).

O neoliberalismo eleva ao máximo a competição, supostamente oferecendo “liberdade” para



Figura 5 - Especialização

Fonte: <http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/educon/index/posgraduacao/conheca>

Por se tratar de uma instituição reconhecida, esta não desqualifica a graduação, como já vimos em outros excertos de sites, todavia ressalta a Educação Continuada como uma exigência nos dias atuais. A exigência principal mencionada é acompanhar a competitividade que, segundo o site, através da Educação Continuada é sanada por tornar os sujeitos qualificados e atualizados.

Para Sibilia (2012), “essa nova mitologia propaga um culto da *performance* ou do desempenho individual, que deve ser cada vez mais destacado e eficaz” (p. 45). Este culto não só reforça a ameaça de exclusão para aqueles que não apresentarem boas *performances*, como movimenta o consumo do capitalismo cognitivo que valoriza os sujeitos conforme aprendizagens supostamente acumuladas.

É impressionante a diversidade de opções que são oferecidas aos sujeitos: do presencial à educação a distância, de cursos livres a pós-graduações, com horários flexíveis e com propostas de pagamento inclusive financiadas a longo prazo. É possível perceber que investir em si mesmo se torna a extensão para a inserção dos sujeitos no capitalismo cognitivo. São os próprios sujeitos se recriando, se reproduzindo. Nesse sentido, o próprio site apela, evidenciando a necessidade da atualização constante: a sociedade exige profissionais qualificados e atualizados; profissionais para atuar em um cenário de competitividade crescente; a exigência passa a ser a educação continuada.

Para finalizar este parte do artigo, retomo o subtítulo para que novamente possamos refletir o quanto “Invisto em mim, logo existo” se tornou uma estratégia discursiva que movimenta a comodificação da Educação Continuada. Conforme Rose (2001a), os sujeitos são “como atores que buscam ‘empresariar’ suas vidas e seus eus por meio de atos de escolha (p. 140)”. Escolhas estas que parecem ser ‘naturais’ e autônomas, mas que, conforme alerta Sibilia (2008), não passam de “deslizamentos que acompanham a ascensão de um tipo de subjetividade cada vez mais espetacularizada, o triunfo de um modo de vida inteiramente baseado nas aparências e a transformação de tudo em mercadoria” (p. 268). A Educação Continuada em tempos de capitalismo cognitivo torna-se um tipo de segurança por meio da qual os sujeitos possam continuar no mercado de trabalho e seguir fazendo parte da sociedade de consumidores.

A economia dos saberes da vida cotidiana

Este eixo aponta para um dos achados da pesquisa que mais me surpreendeu e, de certa maneira, desacomodou, provocou a minha escrita, pois embora esteja dentro da lógica da economia dos saberes, ela não conta com os discursos do mercado profissional. Todavia, como estou falando sobre a comodificação da Educação Continuada, a economia dos saberes da vida cotidiana também faz parte das estratégias discursivas que os sites apresentam para que os sujeitos consumam cursos que possam agregar conhecimentos em suas vidas cotidianas, independente de fazer ou não diferença nas questões profissionais.

A economia do conhecimento mostra como se entra em uma lógica neoliberal em que os sujeitos

precisam estar preparados também nos fazeres da vida cotidiana ou, apenas, que possam usar a capacitação como um passatempo interessante que agregue novos saberes. Segundo Miller e Rose (2012), “o neoliberalismo também exige uma reorganização de programas para o governo da vida pessoal” (p.103). A economia dos saberes da vida cotidiana, neste contexto, também está atendendo a uma urgência.

Apresento a seguir o site de um espaço educativo emergente (fig. 5) que oferta um curso intitulado Escola de Mães.



Figura 5 – Escola de Mães

Fonte: <http://www.perestroika.com.br/maes/>

Escola de mães é um curso elaborado a partir da seguinte pergunta realizada a um grupo de mães: O que você gostaria de ter ficado sabendo antes do seu filho nascer, mas que ninguém nunca lhe contou? Esta apresentação do curso pode ser assistida através da visualização de um vídeo que apresenta as respostas das mães. Os resultados desta pergunta geraram o curso, pois segundo afirma-se neste espaço educativo emergente, há coisas da maternidade que ninguém fala para as mães e são estas coisas que a proposta do curso contempla. Questionar situações da maternidade e não obter respostas plausíveis torna-se uma estratégia discursiva instigante por envolver os sujeitos em um processo de subjetivação que, para Rose (2001a),

é o nome que se pode dar aos efeitos da composição e da recomposição de forças, práticas e relações que tentam transformar – ou operam para transformar – o ser humano em variadas formas de sujeito, em seres capazes de tornar a si próprios como os sujeitos de suas próprias práticas e das práticas de outros sobre eles (p. 143).

Através de depoimentos de mães experientes, se procura interferir na subjetividade de outras mães que se encontram em um momento gestacional. É a Educação Continuada comodificada interferindo inclusive nas subjetividades de futuras mães.

A proposta apresentada coloca todas as mães em uma mesma seleção, o que reforça discursos já existentes como ‘mães são todas iguais’. Todavia deixa claro que não pretende ensinar, mas discutir, sobre as diversificadas maneiras de ser mãe. Para Lazzarato (2006), “diante desses mundos normalizados, nossa ‘liberdade’ é exercida exclusivamente para escolher dentre possíveis que outros instituíram e conceberam” (p. 101). Para futuras mães, não há outra escolha a não ser consumir este curso que promete muitas coisas para melhorar o futuro da vida cotidiana de ser mãe.

Alguns apontamentos finais

Meus apontamentos finais convidam o leitor a pensar sobre como tudo parece continuar hoje, quando se fala em educação e consumo. A inquietação que me desacomodou diz respeito àqueles sujeitos que simplesmente não conseguem acompanhar a frenética oferta de Educação Continuada, seja por limitações financeiras, seja por restrições de tempo ou outras quaisquer.

Em julho de 2013, tive a oportunidade de assistir na UFRGS a uma palestra de Susan Robertson,

autora bastante citada neste artigo. Ao escutar suas reflexões sobre transformações contemporâneas na educação, consegui estabelecer relações com o que gostaria de abordar neste texto que finaliza este artigo e que pode instigar tantos outros. Para esta autora, “as escolhas sempre dependem da existência daqueles que não podem escolher” (2013), pois o valor da escolha de um, depende da escolha do outro, e escolher acaba se tornando uma ação de não ser capaz de escolher. Ser capaz está longe de ser suficiente! Diante das reflexões sobre a commodificação da Educação Continuada que este estudo apresenta, alinhada às palavras de Robertson, é possível pensar que fazer escolhas na contemporaneidade parece ter se tornado algo inevitável. A ênfase em escolher parece assolar a todos. Bauman (2001) diz que “viver em meio a chances aparentemente infinitas (...) tem o gosto doce da ‘liberdade de tornar-se qualquer um’” (p. 74). Uma vez que as opções são variadas, investir em escolhas diferentes acaba por selecionar uns e desclassificar outros.

Os sujeitos devem recorrer à Educação Continuada porque parece não haver outra alternativa para se tornarem um bem de consumo valorizado no mercado. Todavia, optar pela Educação Continuada implica investimentos em si e é neste momento que muitos sujeitos são encaminhados, segundo Bauman (2005b), para a “lata do lixo”. Para este autor, “a produção de ‘refugo humano’, ou mais propriamente, de seres humanos refugados, é um produto inevitável da modernização, e um acompanhante inseparável da modernidade” (p. 12). No caso que me interessou estudar, os sujeitos com limitações e restrições que os impedem de acompanhar as atualizações propostas pela Educação Continuada, tornam-se consumidores falhos e candidatos à exclusão do mercado e, conseqüentemente, da sociedade. Identificados como refugo, estes sujeitos correm o risco de se tornarem invisíveis.

Pautada em uma linha de pensamento onde os fatos não estão estagnados, tampouco são naturais, mas estão em uma fronteira quase invisível, que surge do oposto, do contrário, do quase nunca dito, é que procurei compreender como a Educação Continuada vem se tornando uma *commodity* e intervindo nas subjetividades dos sujeitos.

Assim, optar por Educação Continuada, hoje, é fazer parte do mercado, é inovar, criar, aprender a ser flexível, porque tudo mudará em breve, inclusive as estratégias discursivas a que recorre a Educação Continuada. Continuar se educando por toda a vida é inevitável, mas as maneiras de convocar para isso terão que reinventar-se interminavelmente para sobreviver no mercado competitivo onde a educação é apenas mais um bem de consumo, uma *commodity*.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Antropos, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Identidade**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005a.

_____. **Vidas Desperdiçadas**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005b.

_____. **Vida para consumo**. A transformação das pessoas em mercadoria. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

_____. **Vida líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha. *Governamentalidade Neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo. Educação e Realidade*, n. 34, vol. 2, maio/agosto de 2009, p. 171-186.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 22ª ed. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Tradução: Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MACHADO, Patrícia Aparecida. **Configurações de um eu-trabalhador como unidade de negócio**. 2013. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2013.

MILLER Peter e ROSE Nikolas. **Governando o presente**. Tradução: Paulo Ferreira Valerio. São Paulo: Paulus, 2012.

PILGER, Jeanete Maria. **Condições contemporâneas de trabalho: representações de empregabilidade no cinema**. 2012. 90 f. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2012.

ROBERTSON, Susan. É o Teu Cérebro que Nós Queremos: A Bala de Prata da Sociedade do Conhecimento. **A Página da Educação**. Porto, nº 129, ano 12, p.7, dez. 2003. Disponível em: <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=129&doc=9763&mid=2>. Acesso em: 26 de junho de 2016.

ROBERTSON, Susan. Ideias, ideias, ideias: marca a tua posição! Sê um cidadão empreendedor na batalha da tua nação na economia global. **A Página da Educação**. Porto, nº 140, ano 13, p.7, dez. 2004. Disponível em: <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=140&doc=10466&mid=2>. Acesso em: 26 de junho de 2016.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Nunca fomos humanos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001a.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**. A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**. A escola em tempos de dispersão. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.